

CRIAÇÃO E CRÍTICA

“QUEM FOI QUE DISSE QUE PRETO NÃO TEM VEZ?”: O EVANGELHO DA PRIMEIRA GERAÇÃO NA UNIVERSIDADE

Fernanda Silva e Sousa¹

Resumo: Com as ações afirmativas nas universidades brasileiras, muito se discute sobre a mudança do corpo discente no ensino superior, com uma entrada maior de alunos negros, sobretudo daqueles que fazem parte da primeira geração da família a ingressar na universidade. No entanto, o que eles pensam, sentem, imaginam, desejam permanece como uma questão em aberto na medida em que não se cria estratégias de interlocução que suas histórias possam ser narradas. Nesse sentido, com base no relato da minha experiência com o gênero da autobiografia como professora num projeto de extensão para bolsistas negros do curso de Direito, discuto as narrativas autobiográficas dos estudantes como testemunhos em diálogo com a canção “Negro drama”, dos Racionais MCs, explorando sua relação com a linguagem do rap e da teologia negra ao observar as ambivalências e tensões com as ideias de redenção e superação, bem como o não cumprimento de orientações pedagógicas como parte de uma rebelião *contra* e *na* universidade que se dá por meio da recusa.

Palavras-chave: ação afirmativa; educação; autobiografia; rap; teologia; Racionais.

“WHO SAID BLACK PEOPLE HAVE NO PLACE?”: THE FIRST GENERATION GOSPEL AT UNIVERSITY

Abstract: With affirmative action in Brazilian universities, there has been much discussion about the change in the student body in higher education, with a greater increase of black students, especially those who are part of the first generation of their family to enter in a university. However, what they think, feel, imagine, and desire remains an open question, as no strategies for dialogue have been created to tell their stories. In this sense, based on the

¹ Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (USP), com Bacharelado e Licenciatura em Letras pela Universidade de São Paulo (2017). Fez Doutorado Direto no Programa de Teoria Literária e Literatura Comparada da Universidade de São Paulo, onde desenvolveu a tese "A terrível beleza cotidiana do negro drama: uma leitura com e contra o arquivo da escravidão dos diários de Lima Barreto e Carolina Maria de Jesus", com fomento da Fapesp. Vencedora do concurso de ensaísmo da revista *Serrote*, do Instituto Moreira Salles, de 2023, com o texto "Dos pés escuros que são amados". É professora de língua portuguesa, tradutora, revisora de textos e crítica literária. E-mail: fernandasilva.esousa@gmail.com

CRIAÇÃO E CRÍTICA

40

account of my experience with the genre of autobiography as a teacher in an extension project for black scholarship holders in the Law course, I discuss the autobiographical narratives of students as testimonies in dialogue with the song “Negro drama” by Racionais MCs, exploring its relationship with the language of rap and black theology by observing the ambivalences and tensions with the ideas of redemption and overcoming, as well as the non-compliance with pedagogical guidelines as part of a rebellion against and in the university that occurs through refusal.

Keywords: affirmative action; education; autobiography; rap; theology; Racionais.

Introdução

“(...) Mas também sei que aquilo que deve ser reparado é irreparável. A única coisa que podemos fazer é destruir completamente essa merda e começar do zero.” (Harney; Moten, 2024, p. 181)

“No clima quente / a minha gente sua frio / *Vi um pretinho, seu caderno era um fuzil*”, diz um dos versos da canção “Negro drama”, dos Racionais MCs, parte do álbum *Nada como um dia após outro dia*, de 2002. Ao longo da letra, que reconstrói sob um tom ambivalente e multifacetado a experiência de pessoas negras num mundo ainda marcado pelos efeitos da escravidão, como assinalam os versos “Desde o início, por outro e prata / Olha quem morre / Então veja você quem mata”, essa passagem é a única alusão à educação, traduzida na palavra “caderno”, como se o espaço rarefeito dedicado à formação escolar na canção expressasse uma forma de sobrevivência e busca por redenção que não passa, necessariamente, pela educação formal, afinal, o próprio grupo, formado por Mano Brown, Edi Rock, Ice Blue e KL Jay, a essa altura já muito reconhecidos e consolidados no cenário musical brasileiro após o exitoso álbum *Sobrevivendo no inferno*, de 1998, era também um exemplo de que a possibilidade de ascensão social e econômica do negro não dependia da educação, mas nem por isso era menos dramática e frágil diante das iniquidades raciais que permaneciam.

Não à toa, como afirma o pesquisador Acauam Oliveira (2015, p. 352), há, no álbum *Nada um dia após outro dia*, uma passagem de um tom mais coletivo de denúncia para outro aparentemente mais subjetivo, expressando a “representação da ascensão social do negro periférico enquanto um processo traumático de derrota dentro da vitória, e vice-versa” na medida em que a mobilidade econômica não equivale a um deslocamento subjetivo e imagético do que Lélia Gonzalez (2022) chama de *lugar de negro*, isto é, espaços precários e vulneráveis, como favelas,

criação e crítica

40

cortiços, ocupações, conjuntos habitacionais, etc., uma realidade da qual se parece ter profunda consciência conforme os versos: “O dinheiro tira um homem da miséria / Mas não pode arrancar de dentro dele a favela”.

Assim, ainda que ascendendo economicamente e contornando o destino miserável e violento, a tarefa primeira ainda é a mesma: manter-se vivo, contrariando todas as forças voltadas à sua morte, quando se vive numa guerra “para quem a paz nunca existiu”. Convocadas a “guerrear” desde cedo num país que projeta seu extermínio de diferentes maneiras, entrando em batalhas nas quais já estão pelo menos “cem anos atrasado pela escravidão, pela história, pelo preconceito, pelos traumas, pelas psicoses”, a própria vida, no caso da população negra, *é um desafio*, como sintetiza o título de uma das canções mais famosas dos Racionais MCs, “A vida é desafio”. Não se trata, então, de saber vencer, mas de *saber sobreviver* a uma realidade que se vive com a sensação constante de estar sob a mira de um fuzil quando se é pobre e negro, onde até “no clima quente a minha gente sua frio”. Em outras palavras, *saber sobreviver* a um mundo em que já perdemos, de modo que a vitória parece residir sempre no amanhã, num futuro redimido e esperançado, para o qual é preciso seguir vivo para alcançá-lo.

Nesse sentido, é fácil pensar que, ao afirmar que o caderno de um pretinho era um fuzil, Racionais MCs estão fazendo apenas uma referência direta a um jovem negro que é evadido da escola e que se forma no mundo do crime, encontrando nele um modo de afirmação de si. Sem nome, sem rosto, nem nada que confira singularidade, o *pretinho* é uma metonímia de milhares de pretinhos que também carregam seus fuzis. Porém, na letra ele não é um “moleque”, um “delinquente”, um “vagabundo”, um “marginal”, palavras tão comumente empregadas para descrevê-lo: ele é um “pretinho”, uma expressão afetuosa que acena para a delicadeza dessa vida, justaposta pela brutalidade do fuzil, que se impõe e sugere a impossibilidade de formação fora do reino da violência. Ao “pretinho”, então, qualquer aprendizado está subsumido a um horizonte violento e reduzido ao presente, pois ele representa, em grande medida, os alunos “sem futuro”, que “não querem nada com a vida” e “que se perderam” ou “vão se perder na vida”, expressões recorrentes para se referir a alunos insubordinados, que não aparentam interesse em aprender.

Entretanto, a expressão “seu caderno” abre uma fresta para pensar nas narrativas de si que se escreve fora de contextos formais de educação, onde não se toma nota das lições escolares, mas se escreve a vida que parece não caber bem em lugar algum e, por isso mesmo, ganha sentido, força e possibilidade por meio da *palavra*, pois se em “Negro drama” o rapper-narrador testemunha um pretinho com

criação e crítica

40

um fuzil, conferindo importância a cenas que se tornaram quase uma paisagem natural da realidade e não chocam mais, o caderno nos permite pensar em como pretinhos e pretinhas podem dar seu próprio testemunho e contar sua história. Assim, naquilo que escapa ao ambiente escolar, onde jovens negros e negras lutam para permanecer ao passo que não se sentem pertencentes, o caderno pode ser um lugar em que anunciam que, sim, não querem nada da vida, mas *outra* vida? Numa aula, o que esse caderno *não escolar*, construído ao longo de uma tortuosa trajetória, pode dizer sobre a formação da juventude negra que conseguiu sobreviver e chegar à universidade, considerando que o estudo não se limita à sala de aula? Afinal, como afirma Fred Moten, em entrevista ao lado de seu parceiro de pesquisa, Stefano Harney, ao pensar nos despossuídos, espoliados, marginalizados, expropriados,

(...) estamos comprometidos com a ideia de que estudo é aquilo que se faz com outras pessoas. É conversar e caminhar com outras pessoas, trabalhar, dançar, sofrer ou alguma convergência irreduzível dessas três coisas, realizada sob o nome de prática especulativa. A noção de ensaio: pessoas em uma oficina, tocando em uma banda, em um jam session, ou idosos sentados na calçada, ou colegas trabalhando juntos em uma fábrica – existem modos variados de atividade. O ponto no qual chamamos isso de “estudo” é quando assinalamos que a intelectualidade incessante e irreversível dessas atividades já está presente. (Moten; Harney, 2024, p. 126)

Ao desatrelar o estudo de espaços formais de educação e, sobretudo, de uma prática individual, isolada e solitária, que se daria por meio de uma disciplinada leitura e exegese de textos, reivindicando, assim, ações ordinárias e cotidianas como um modo de estudo, Moten e Harney evidenciam que estudar não é bem uma prática dedicada e constante com uma finalidade definida, mas a própria vida em sua dimensão comunitária, isto é, em tudo que fazemos com os outros. Sendo assim, as histórias que contamos são também uma forma de estudo e, no caso da população negra na diáspora, são as histórias contadas, narradas, dançadas que têm tido um papel decisivo em sua sobrevivência em um mundo onde tantos se foram sem deixar vestígios de sua existência durante a escravidão e onde tantos ainda se vão sem ter tempo – ou chance – de contar sua história, pois através delas outras possibilidades de olhar para si são gestadas, bem como as dimensões mais ordinárias da vida podem ganhar sentido e beleza. Por isso, como pensa a historiadora Saidiya Hartman (2018, s. p.), “(...) a narrativa talvez seja a única forma disponível de reparação para o crime

criação e crítica

40

monumental que foi o tráfico transatlântico de escravos e o terror da escravização e do racismo. Essa é uma longa maneira de dizer que as histórias que contamos e as canções que cantamos ou a riqueza dos recursos imateriais são tudo que podemos contar”.

Em decorrência disso, ao longo do processo de resistência à escravidão transatlântica, muitos homens e mulheres negras se engajaram na busca pela tomada do discurso em primeira pessoa para a construção de imagens mais complexas e humanas de si mesmos, na contramão de estereótipos racistas e, principalmente, para narrar e denunciar as atrocidades e misérias do sistema escravista, defendido por seus algozes como uma instituição benigna e que não seria *tão* violenta assim, desautorizando e deslegitimando, assim, as vozes daqueles que viviam a escravidão, literalmente, na pele. Colocadas sob constante suspeita, as narrativas autobiográficas de escravizadas, como as de Frederick Douglas, Harriet Jacob e Solomon Northup, eram premidas não apenas pela necessidade de narrar a experiência de homens e mulheres sob o jugo escravista, mas também de legitimar os seus textos como autênticos e fidedignos, destituídos de qualquer tipo de ficcionalização, oferecendo sua vida como testemunho do que era *verdadeiramente* o sistema escravista para aqueles que eram escravizados (Oliveira, 2022). Nesse sentido, as autobiografias se tornavam uma espécie de *revelação* não de caráter divino, mas de caráter político e ético, que punha em xeque as supostas benesses da escravidão para o progresso e desenvolvimento econômico das nações ao desnudar o nível de sofrimento, violência e morte a que a população escravizada era submetida por aqueles que se apregoavam como paradigma e modelo de humano. Era, portanto, trazer à tona a *verdade* de uma experiência largamente inaudita e ignorada, em que não somente o corpo com cicatrizes, mas sobretudo a *palavra* era uma forma de testemunhar, de modo que as autobiografias, como afirma John W. Blassingame (1974), se transformaram em um dos mais importantes fóruns do protesto negro nos Estados Unidos, deixando um registro de resistência para gerações futuras.

No contexto escravista norte-americano, a revelação da *verdade* da escravidão, além do caráter político e ético, ganhava um caráter espiritual quando se considera as formas de protestantismo negro forjado pela população escravizada, pois, como explica Eugene Genovese (1988, p. 25), "os escravos, recorrendo a uma religião que se supunha garantir-lhes a submissão e a docilidade, rejeitaram a essência da escravidão ao descobrir seus próprios direitos e seu valor como seres humanos", especialmente ao encontrar na figura de Deus uma autoridade superior ao de seus escravizadores e que os reconhecia em sua humanidade. Dessa maneira, ao

CRIAÇÃO E CRÍTICA

40

denunciar a violência da escravidão e sair em defesa da integridade de suas vidas, escravizados, livres e libertos entendiam que estavam também falando a *verdade* de Deus, valendo-se, no caso de pregadores, de parábolas e passagens bíblicas, relidas à luz da experiência negra, cujo sofrimento se assemelharia ao sofrimento de Jesus, o que daria forma, no contexto da luta pelos direitos civis, à teologia negra que, como afirma Ronilso Pacheco (2024, p. 56), "é o desconforto na consciência da sociedade ocidental, que se recusa a reconhecer os legados nocivos e injustos de seu passado escravocrata e colonizador" ao trazer para o centro a experiência de quem foi historicamente demonizado e inferiorizado. Como defende James Cone (Cone apud Hayes, 2000, p. 611), um dos mais importantes teólogos negros e defensores de uma teologia negra, "não há verdade para e sobre o povo negro que não emergja da sua experiência. A verdade é, nesse sentido, uma verdade negra, uma verdade revelada na história e na cultura do povo negro", pois, como afirma Cone,

A teologia negra procura relatar a história das pessoas que sobreviveram à escravidão, discriminação e opressão contínua. A sua história é de uma contínua luta contra probabilidades assustadoras, de determinação contra pressões esmagadoras, de fé quando toda a razão se esvaiu. (Cone apud Hayes, 2000, p. 623)

Nessa perspectiva, o testemunho é entendido como "um testemunho vivo de como os negros foram capazes de sobreviver", revelando um compromisso com um destino coletivo, que se baseia numa aliança com aqueles que se foram e com aqueles que ainda estão por vir, pois "a teologia negra é uma teologia da libertação negra"². Porém, para além de um discurso ou texto que se volta ao passado, o testemunho negro carrega o que Pacheco (2024, p. 57) chama de "profetismo indesejado", baseado na esperança, no desejo e na fé de que o racismo e todo o sofrimento que ele produz um dia terá fim, assim como a escravidão enquanto instituição também acabou, embora muitos de seus efeitos ainda perdurem. Ou, como diz a música "Vida loka parte 1", de Racionais MCs, "Pode rir, ri, mas não desacredita não / É só questão de tempo / o fim do sofrimento".

A própria cultura do rap tem um diálogo constitutivo e, ao mesmo tempo, disruptivo com a teologia negra na medida em que os rappers se autoproclamam, segundo Imani Perry (2004), profetas contemporâneos, cuja arte é também construída como reveladora da verdade da experiência, da dita *realidade* da favela, a partir de

² Cf. Declaração do Comitê Nacional do Clero Negro, em 13 de junho de 1969 (Pacheco, 2024, p. 57)

CRIAÇÃO E CRÍTICA

40

uma honestidade radical e de uma dicção indesculpavelmente negra em resposta à supremacia branca. Com o compromisso de "mandar a real", o rap surge como um testemunho fidedigno da experiência negra na periferia. Não à toa, Mano Brown ironiza em "Negro drama": "Forrest Gump é mato / Vou contar uma história real / Vou contar a minha", além de dizer que não leu nem assistiu o negro drama, pois ele é o próprio negro drama, num gesto que busca conferir autoridade e autenticidade ao seu discurso, embora não se deva perder de vista o labor estético em cada composição. De acordo com Perry (2004), o rap é, assim, também um testemunho sobre a vida negra.

Acauam Oliveira aprofunda essa dimensão religiosa no trabalho dos Racionais MCs ao sustentar que suas músicas, sobretudo o álbum *Sobrevivendo no inferno*, de 1998, formam um evangelho marginal, cujas letras não são pregações para uma vida edificada e sem pecado, mas, principalmente, lições para sobreviver no inferno de um país que dizima a população negra cotidiana, de modo que a palavra se torna "portadora de uma verdadeira teologia da sobrevivência", pois

É uma palavra de salvação que não mais se dirige ao Estado ou qualquer outra instância externa à própria comunidade. Ela é o caminho da salvação, desde que aquele que a escute compreenda e aceite os caminhos do proceder periférico. Seu objetivo maior é formar os sujeitos para a construção de uma ética comunitária que os permita viver a "vida loka" – o estado geral de precarização das condições de existência marcadas pelo risco iminente e pela contingência – sem desandar, ou seja, permanecendo vivos. (Oliveira, 2018, p. 32)

Assim, a partir da dicção de um pastor-marginal, o que se ressalta é uma preocupação eminentemente ética, em que as letras, que são diferentes testemunhos da vida experiência na periferia, tem seu valor calculado por "sua capacidade de, literalmente, salvar vidas" (Oliveira, 2018, p. 32) - não à toa, muitos se referem ao show dos Racionais como uma espécie de "culto". O que está em jogo é narrar a vida para não apenas seguir vivendo, mas também para construir "um caminho de sobrevivência para todos os irmãos, bandidos inclusos, por meio da palavra tornada arma" (Oliveira, 2018, p. 36), ou da palavra tornada um fuzil, sobretudo quando a *palavra* é tudo que se tem para se afirmar perante um mundo antinegro.

À luz de todas as questões aqui trazidas, o que têm a dizer pretinhos e pretinhas que são parte da primeira geração de suas famílias a acessar o ensino

CRIAÇÃO E CRÍTICA

40

superior, um espaço que nunca foi pensado e construído para eles, onde tantos professores lamentam, em um tom nostálgico, que não é mais como antes? Recuperando minha experiência como professora num projeto de extensão de uma universidade particular com bolsistas negros do Prouni no curso de Direito, no qual trabalhei com a produção de autobiografias em sala de aula, busco, neste artigo, pensar as narrativas autobiográficas como testemunhos que se encontram no limiar entre o discurso religioso e o discurso do rap, conjugando esperança e revolta, fé e resignação, orgulho e vulnerabilidade, amor e vingança. O que esses alunos desejam, esperam, temem? O que, fora das provas e trabalhos finais de disciplinas em que a questão racial frequentemente *não* é uma questão, eles podem escrever e não parecem caber em lugar algum? O que eles não querem? O que eles recusam? De que maneira eles dão o testemunho de sua própria vida? Como começar um curso em que não são explicações sobre os itens programáticos, as referências bibliográficas, as formas de avaliação – isto é, a apresentação do curso – que tomam à frente na primeira, mas as histórias dos alunos, entendendo que eles têm algo a dizer que pode, inclusive, desestabilizar o que foi planejado e reconhecendo a violência que ainda não acabou e os riscos de reiterá-la quando assumimos que eles querem apenas aprender o que ainda não sabem, sem pensar no que eles já sabem há muito tempo e no que estudaram *fora* da sala de aula?

“O trauma que eu carrego pra não ser mais um preto fodido”: a primeira geração na universidade

Se fôssemos atualizar o testemunho de Primo Preto no preâmbulo de “Capítulo 4, Versículo 3”, do álbum *Sobrevivendo no Inferno*, de Racionais MCs, em que diz: “60% dos jovens de periferia / Sem antecedentes criminais já sofreram violência policial / A cada quatro pessoas mortas pela polícia, três são negras / Nas universidades brasileiras, apenas 2% dos alunos são negros”, o último dado anunciado seria radicalmente modificado, embora os outros dados se mantenham: hoje mais de 40% dos estudantes nas universidades brasileiras são negros³, um aumento que se deve às políticas de ações afirmativas, como as cotas raciais, fruto de uma longa luta do movimento negro, que estabelecem uma reserva de vagas para candidatos negros e pardos, bem como ao Programa Universidade Para Todos

³Cf. <<https://oglobo.globo.com/brasil/educacao/noticia/2023/06/proporcao-de-universitarios-negros-cai-pela-primeira-vez-desde-2016.ghtml>>. Acesso em 30 set. 2024.

criação e crítica

40

(PROUNI), que concede bolsas parciais e integrais a pessoas de renda per capita de até 1,5 salário mínimo e que estudaram em escola pública. Com a radical modificação da composição étnico-racial das universidades, antes quase intransponíveis feudos brancos, chegam nas salas de aula estudantes negros/as, advindos da periferia, que constituem, muitas vezes, a *primeira geração*, isto é, são a primeira pessoa da família a ingressar numa universidade graças também aos investimentos e esforços de pais que muitas vezes não puderam estudar, mas resolveram *estudar* os filhos. Como disse o pai da protagonista do conto “Alicerce”, da escritora Geni Guimarães, que era trabalhador de uma fazenda no interior de São Paulo, ao responder o deboche de um fazendeiro ao saber que estava investindo na educação de sua filha: “Eu não estou estudando ela pra mim – disse meu pai – É pra ela mesma” (Guimarães, 2001, p. 71).

Estudar os filhos não é, porém, uma tarefa que se sustenta apenas pela força do desejo e da esperança de que o filho seja, como se diz, *alguém* na vida, num país tão desigual e profundamente racista, onde a necessidade de trabalhar se impõe desde cedo. Na educação básica, segundo dados do IBGE de 2023, dos 9 milhões de pessoas que não completaram o ensino médio, 71,6% eram negras e a taxa de analfabetismo entre negros é de 10,1%, enquanto a de brancos é de apenas 4,3%. Nesse sentido, os estudantes negros/as que adentram as universidades perfazem um seletíssimo grupo que conseguiu sobreviver não só à realidade racista, mas também à própria escola, onde apenas seis a cada dez alunos/os negros/as concluem o ensino médio. Assim, apesar da escola, muitos alunos/as “sem futuro” estão nas universidades porque foram sonhadas pelo movimento negro e estudadas pelos pais que sabiam que o *lápiz pesa menos do que o cabo da enxada ou que limpar a sujeira dos outros não é vida*.

Consciente dessa realidade e também testemunha dela ao ser parte da *primeira geração*, tenho colaborado como professora, desde 2019, num projeto de extensão de uma universidade privada, em parceria com escritórios de prestígio, voltado para bolsistas negros, em sua maioria do Prouni, do curso de Direito da instituição⁴. Reconhecendo as dificuldades e barreiras que eles encontram para conseguir estágios em grandes escritórios, o projeto visa prepará-los para processos seletivos ao oferecer aos sábados aulas de capacitação profissional, direito e relações raciais, comunicação oral e escrita, bem como a mentoria de um advogado/a sênior, tendo, ao final do curso, a oportunidade de ingressar em um dos escritórios parceiros.

⁴ Mantenho o anonimato como forma de preservar não a instituição, mas os alunos e alunas que participaram do projeto.

CRIAÇÃO E CRÍTICA

40

Em outras palavras, trata-se de um processo de aprendizado dos mecanismos, regras e valores do mundo profissional do Direito, no qual eles aprenderiam a se comportar, falar, agir, escrever dentro do que é esperado e desejado no universo jurídico.

Responsável pela disciplina de comunicação oral e escrita, desde o início da minha colaboração eu entendi que aquele não era o espaço para eu me preocupar em ensinar vírgulas, colocações pronominais ou o uso dos porquês, tampouco aperfeiçoar a escrita de gêneros textuais jurídicos. Numa sala inteiramente negra, ocupada pela *primeira geração*, havia algo mais importante para mim: os *cadernos* não escolares, com as histórias que muitas vezes deixamos de contar, mas que são as que mais precisamos estudar, inspirada na defesa que bell hooks faz da paixão da experiência e da lembrança na sala de aula. Como ela mesmo explica,

Quando uso a expressão “paixão da experiência”, ela engloba muitos sentimentos, mas particularmente o sofrimento, pois existe um conhecimento particular que vem do sofrimento. É um modo de conhecer que muitas vezes se expressa por meio do corpo, o que ele conhece, o que foi profundamente inscrito nele pela experiência. Essa complexidade da experiência dificilmente poderá ser declarada e definida a distância. É uma posição privilegiada, embora não seja a única, nem muitas vezes a mais importante a partir da qual o conhecimento é possível. (hooks, 2013, p. 124)

Valendo-me de “Negro drama” dos Racionais MCs e outros textos de autoria negra ao longo da minha primeira aula, na qual eu discuto preconceito linguístico, as contribuições e influências das línguas africanas na formação do português brasileiro, mencionando a ideia de pretuguês, de Lélia Gonzalez, eu dizia ao final: “Mano Brown diz: ‘Eu vou contar uma história real / Vou contar a minha’. Qual a história de vocês? O que vocês querem contar?”. Destacando a importância de abordar o lugar do estudo na trajetória deles e a escolha pelo curso de Direito num contexto em que, nesses processos de diversidade e inclusão, muitas vezes os candidatos são instados a contar sua história, os alunos produziam um texto autobiográfico tendo em mente, segundo minha recomendação, a interlocução de pessoas possivelmente brancas e de classe média, embora apenas eu e seus colegas fôssemos ler os textos, seguindo uma das lições obtidas nas aulas de Metodologia de Ensino de Língua Portuguesa: a importância de práticas contextualizadas de escrita, nas quais os textos precisam ter uma finalidade e, principalmente, um interlocutor definido. Lá estava eu, mobilizando

CRIAÇÃO E CRÍTICA

40

Racionais MCs e compactuando com as regras do jogo ao impor no horizonte um leitor hipotético hegemônico, orientando a escrita de uma narrativa autobiográfica que se adequasse ao que os escritórios esperavam. De todo modo, surpresos com a proposta, muitos se viram, pela primeira vez, com a oportunidade de contar a própria história em sala de aula e diziam que não sabiam muito bem o que escrever pois nunca haviam sido provocados a refletir e escrever sobre a própria vida.

Desde então, tenho um acervo de mais de cinquenta narrativas autobiográficas, das quais, nos limites deste artigo, apresentarei quatro⁵ que julgo representativas das questões aqui mobilizadas e que colocaram em xeque meu próprio fazer pedagógico. Apresentarei alguns trechos e lançarei um olhar sobre cada um deles para, ao fim, fazer uma reflexão sobre o que esses textos nos permitem pensar e imaginar sobre a primeira geração a partir de suas próprias palavras e que seus testemunhos anunciam sobre o futuro.

“Vou contar uma história real / Vou contar a minha”: testemunhos de luta

Carlos José foi um aluno que, durante todo o projeto, só conheci por meio das telas. Participante da edição que ocorreu durante a pandemia de Covid-2019, nosso contato se deu apenas de forma remota, num momento em que todo mundo havia tido sua rotina profundamente transformada pelas medidas de isolamento social. Carismático e bastante participativo, com uma fala despojada e descontraída, sua narrativa, no entanto, me assustou logo com o título: "Inimigo número 1 do Estado". Descrevendo-se como "filho de mãe solteira, com três irmãos de pais diferentes" - ou seja, "mais um filho pardo, sem pai" –, ele assim começa a sua narrativa:

O sistema influencia a vida de todos. Em alguns, essa influência é benéfica, já para outros, venal. Independentemente da forma que esse sistema condiciona minha vida, eu fiz uma escolha: lutar contra ele. Isso posto, o sistema não tem que chorar me vendo matar alguém na rua, o sistema tem que chorar vendo a minha formatura.

No entanto, isso nem sempre existiu no meu pensamento. O estudo e o conhecimento adquiridos no decorrer da minha trajetória me condicionaram a essa luta. Diante disso, qual seria o objetivo dessa

⁵ Os autores dos textos assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido, autorizando-me a compartilhar suas histórias desde que eu salvaguardasse suas identidades a partir do uso de nomes fictícios.

criação e crítica

40

luta? Derrubar o sistema? Sim, e por quê? Porque ele tentou tirar de mim a esperança de um futuro melhor. Desse modo, vou contar minha trajetória e de que modo abri meus olhos para entender quem é meu inimigo e que, apesar dos diques que a vida coloca na minha frente, preciso permanecer firme como meus irmãos que vieram antes de mim e venceram.

Em um contexto em que a orientação era escrever um texto autobiográfico considerando a situação sociocomunicativa de um processo seletivo para estágio na área de Direito, Carlos José, logo de início, subverteu a minha recomendação, recusando-se a compactuar com orientações que não comportavam o que há muito tinha para dizer. Tal qual um rapper, decidiu escrever não exatamente algo para ser compreendido, mas para sabotar o raciocínio, valendo-se de uma referência não explicitada a um dos versos do rap “Apologia ao crime”, do grupo Fação Central, que diz: “O sistema tem que chorar, mas não com você matando na rua / O sistema tem que chorar vendo a sua formatura” – algo que só descobri ao escutar, muito tempo depois, essa música. Amalgamando os versos às suas próprias palavras, Carlos José desestabiliza a noção de autoria ao não dar créditos para uma música que traduz uma experiência coletiva, borrando as fronteiras entre gêneros (rap/autobiografia) e entre linguagens (prosa / poesia).

Sem qualquer busca por conciliação, Carlos José, ao se intitular como “Inimigo número 1 do Estado”, escreve como quem sabe que está sob a mira de um fuzil e do trauma que carrega “pra não ser mais um preto fodido”, mas ostenta uma posição de quem está disposto a lutar nessa guerra contra o “sistema”, tantas vezes personificado nas letras de rap. Assim, ele próprio assume a posição que sabe que tem: ele é inimigo do Estado que deseja derrubá-lo em vez de ser destruído por ele. Seu estudo, materializado na formatura, é uma forma de se vingar de um sistema que jamais chora e lamenta as mortes de jovens negros como ele. Assim, de forma sarcástica, resta ao sistema chorar pela sua vitória. Ao mesmo tempo que parece estar com um fuzil engatilhado, Carlos José se assemelha a um fiel que sobe ao púlpito para dar o seu testemunho e sente no amor (permanecendo firme com os “irmãos”) e no ódio (desejando o fim do sistema) a insana vingança que move aqueles que, espoliados e marginalizados, não temem dizer, como Mano Brown, ao adentrarem onde não lhes era permitido: “Demorou / Eu quero é mais / Eu quero até sua alma”.

CRIAÇÃO E CRÍTICA

40

Valquíria, por sua vez, participante da turma de 2023, era uma aluna mais calada e observadora, mas que não deixava de mostrar seu lado extremamente (auto)crítico nas aulas. Filha de uma diarista e de um segurança aposentado, ela escreveu em seu texto “Você é fraco, porque lhe falta ódio”:

Muitos dizem que todos temos uma fonte de motivação que nos faz levantar todos os dias e cumprir as tarefas que devemos realizar, como sonhos de vida e vocação, entretanto, eu nunca fui assim. Minha maior motivação durante minha infância e adolescência foi o sentimento de ódio. Quanto mais os anos se passavam e mais discernimento eu adquiria, mais revoltada eu ficava em relação a tudo.

Me enfurecia saber que no Brasil ocorreu um processo de miscigenação tão absurdo que muito negros não sabem se reconhecer como tal na sociedade atual em que vivemos; me enfurecia saber que a situação de pobreza da maioria das famílias negras no país é uma das consequências do período colonial que ainda perduram; me enfurecia ver o potencial que meus pais tinham em relação aos estudos, mas que isso foi tirado deles porque precisavam trabalhar; me enfurecia toda vez que alguém duvidava do meu potencial simplesmente por causa da minha origem. Todos esses motivos permaneceram no meu interior e me deram gás para provar o contrário para todos, afinal, qual seria a melhor vingança se não o meu sucesso?

Valquíria, colocando-se na contramão de um discurso motivacional de fundo liberal e idealista, assume, sem rodeios, como o ódio foi sempre sua maior motivação. Se durante a infância e a adolescência esse sentimento sempre a acompanhou, que espaço terá tido ela para manifestar o ódio num contexto em que meninas negras são vistas como mais agressivas, desobedientes, mal-educadas e, não por acaso, recebem mais punições? (Morris, 2016). Valquíria, assim como Carlos José, não parecia nenhum pouco preocupada com o hipotético leitor branco de seu texto e seu possível desconforto com uma *negra revoltada*, com uma história de ódio e não de “superação. O que importava era a verdade de sua experiência. Se era sua vez de contar sua história real, era também sua vez de expressar sua fúria, que se intensifica à medida que reconhece a impossibilidade de reparar o que a violência racial fez com a população negra, incluindo seus pais, testemunhando o que não viveu, mas que se inscreveu na sua história como descendente de escravizados e filha de pais sem

CRIAÇÃO E CRÍTICA

40

diploma. Enumerando diferentes situações que manifestam o mesmo negro drama, Valquíria imprime ao texto, com a repetição da oração “me enfurecia”, valendo da gradação como figura de linguagem, o furor de uma revolta que convoca diferentes gerações e tempos, como se o ódio fosse um lembrete constante de tudo que poderia ter sido e não foi por processos históricos e sociais que ela foi se dando conta ao longo da vida, pois ela sabe quem morre e quem mata “desde o início, por ouro e prata”. Como se estivesse em frente a um púlpito dando seu testemunho ou a um DJ pronto para acompanhar o seu *flow*, Valquíria, ao borrar as fronteiras entre passado e presente, reconhece uma violência que não acabou, e seu ódio é baseado em uma consciência irreparável da perda, em que *provar o contrário* e *fazer sucesso* seria sua “melhor vingança”, situando seu futuro êxito como uma maneira de vingar todos aqueles que ficaram pelo caminho, afinal, a vingança, nesse caso, não é também uma forma de amor? Assim, quase podemos ouvir, no final de sua narrativa, o eco do verso “Não foi sempre dito que preto não tem vez?”.

Mariana, também da turma de 2023 e muito amiga de Valquíria, era uma aluna que chamava atenção pela sua imensa sensibilidade e franqueza, que não temia expor sua vulnerabilidade em sala de aula e dizer o que pensava. Tendo migrado quando criança da Bahia para São Paulo, ela escreveu uma narrativa que tinha uma forte dimensão literária, dando a ver alguém com jeito para a literatura. Em seu texto, ela diz:

(...) Ouvi que o sonho do meu avô paterno era que seu filho fosse advogado, cursasse Direito e fosse homem estudado. Ele deixou o sonho e o filho precocemente e as circunstâncias da vida clamavam que meu pai desse conta do imediato e não do amanhã. Resolvi eu articular e equilibrar o hoje e o que vem depois. Cá estou eu, no segundo semestre de Direito, numa faculdade elitista e renomada, não a elitista que eu queria, mas a que o cansaço e os recursos me permitiram lutar para alcançar.

(...) As dificuldades são tantas que sinto me afogar no mundo e em mim mesma. Tudo parece cooperar, tudo parece não cooperar. Dizem que as dificuldades te fazem melhor, mais forte, resiliente. Fico na dúvida se é possível aprender algo sem sofrer, sem experienciar. Tenho certeza que não, mas sem tanta dor eu queria saber como é.

“Eu sou o sonho dos meus ancestrais” é uma frase que tem sido cada vez utilizada pela *primeira geração* ao alcançar conquistas inéditas em suas famílias.

CRIAÇÃO E CRÍTICA

40

Entretanto, o texto de Mariana nos faz pensar nos sonhos não realizados pelas gerações passadas, que não são simplesmente redimidos pelos sonhos realizados pelas gerações subsequentes. Em muito privados da oportunidade de estudar, à *geração avó*⁶, nascida entre 1920 e 1950, restava sonhar e tentar estudar a vida dos filhos, os quais muitas vezes, premidos pela necessidade de trabalhar, não concluíram os estudos e passam também a buscar sonhar e estudar seus rebentos. Porém, quais eram os sonhos de seu avô e de seu pai? Mariana é, assim, a *geração neta* que carrega o fardo de “equilibrar o hoje e o que vem depois” a partir de um passado que a lembra que ela, apesar de ser, também não é o sonho dos seus ancestrais. Não à toa, ela testemunha o sonho de seu avô e de seu pai que, ao menos em sua narrativa, podem ser nomeados e reconhecidos. Com um tom melancólico, Mariana não celebra sua entrada na universidade – seu sonho era estudar na USP – e menciona o “cansaço” e os “recursos”, não um espírito determinado ou esperança, como aquilo que possibilitou seu ingresso na instituição. Profundamente consciente, ela expõe as ambiguidades e dilemas de uma experiência em que os esforços nunca parecem suficientes. Ao colocar em xeque o discurso de que as dificuldades te fazem melhor, mais forte e resiliente, Mariana abre uma janela para a pergunta: como é possível se tornar mais forte, resiliente e melhor com as dificuldades se a vida negra já é, de antemão, avassaladoramente difícil? Ecoando o “Negro drama / Cabelo crespo, a pele escura / A ferida, a chaga, à procura da cura”, ela coloca abaixo a pesada armadura que jovens negras precisam vestir desde cedo e pensa na possibilidade de aprender sem dor. Porém, ela mesma responde: não é possível. O que Mariana deseja, então, é saber como é viver sem *tanta* dor, sem a ferida e a chaga, à procura de uma cura que não vem. E nisso parece residir não o anseio pelo diploma que o pai não conseguiu, mas o anseio por uma outra vida, por um outro mundo, por um passado em que os sonhos da *geração avó* puderam ser realizados

Por fim, como último exemplo, leiamos as palavras de Jorge, filho de uma trabalhadora doméstica e que começa o texto se dizendo apenas mais um “Silva”. Mais introspectivo e observador, Jorge foi se abrindo mais conforme as aulas e mostrando-se participativo e bastante sensível. Ele escreveu em 2023, no seu texto intitulado “Construindo a base de martelada”, quando narra seu retorno à cidade de São Paulo após ter morado um tempo na Bahia:

⁶ Aqui me inspiro-me nas palavras de Nego Bispo: “Somos povos de trajetórias, não somos povos de teoria. Somos da circularidade: começo, meio e começo. As nossas vidas não têm fim. A geração avó é o começo, a geração mãe é o meio e a geração neta é o começo de novo” (Santos, 2023, p. 66).

criação e crítica

40

Em São Paulo, comecei trabalhando como encanador, depois como servente de pedreiro, auxiliar de pintura, instalador de calhas, entre outros trabalhos. Trabalhos com esforço físico muito grande, embaixo de sol e sem muitas vantagens financeiras. Não escondo as diversas vezes que chorei em cima de telhados, pois achava que a vida era muito injusta, eu me esforçava tanto nos estudos, mesmo assim ganhava pouco e me “Matava de trabalhar” em um trabalho que eu não era fã, enquanto isso me comparava com o menino que conheci quando trabalhei prestando serviço em um condomínio que ganhava o valor de um Celta fazendo designer. No quarto ano de Enem, passei com uma nota boa na redação citando um “Tal” de Jorge Amado, poeta baiano. Quem diria? Eu citando Jorge Amado. Conseguir uma bolsa depois de muito esforço na universidade, além de mim, é nítido o brilho nos olhos da minha mãe de orgulho, essa mulher, que mesmo com quatro filhos, trabalhando de doméstica tentou fazer uma faculdade, pagando 200 reais por mês no interior da Bahia, entretanto após um mês ela desistiu por questões financeiras, contudo aquilo se tornou meu combustível.

Entrei na faculdade e continuei trabalhando na construção civil, foi 1,5 ano conciliados entre os dois ramos, aprendi a martelar um prego, e construir meus sonhos através da “martelada”, hoje estagio, pago aluguel e ajudo minha família, mas acima de tudo aprendi que temos muito que conquistar, a fé em Deus, em minha mãe e nos projetos como incluir me fez está apto a correr essa “corrida do Sucesso. (...)”

Com ensino médio concluído, a trilha que se abria para Jorge, como para muitos jovens negros nas periferias, era o trabalho pesado e não a universidade. O que restava a ele era o serviço, como se diz, de preto: braçal, insalubre e mal pago. Encanador, pintor, pedreiro, instalador de calhas... Jorge enumera suas profissões em que tentava ver e não via nada, "a não ser uma estrela, longe, meio ofuscada", num mundo onde parece fadado a viver na sombra. Abrindo mão de uma noção embrutecida e anódina de masculinidade, Jorge constrói uma imagem comovente: a de um jovem negro chorando em cima dos telhados, no alto de uma casa ou um prédio, onde, curiosamente, ninguém será capaz de ouvir seu choro ou ver suas lágrimas. Como Ícaro com suas asas de cera, ele sabia que não podia voar muito perto do Sol, que era sua única testemunha e consolo, secando, com seus raios, o que, como diz Mano Brown em "Jesus chorou", "cabe em um olho e pesa uma tonelada". Quantos homens negros choram e ninguém vê, para além do choro que

CRIAÇÃO E CRÍTICA

40

vemos em seus familiares e amigos quando são covardemente assassinados pela polícia? O choro de Jorge era um choro de revolta, num texto que parece desaguar as águas represadas que todos os textos aqui citados parecem conter diante da injustiça de uma realidade em que tantos jovens negros periféricos se veem encurralado entre ser morto pela polícia ou se *matar de trabalhar* e, ainda assim, sentir que não saiu do lugar. Entre esses dois muros, havia o estudo como rota de fuga. Em sua quarta tentativa, Jorge conseguiu tirar uma boa nota na redação do ENEM citando um “tal” de Jorge Amado, como se seu maior triunfo tivesse sido a literatura na busca por escrever um outro script para sua vida. E o que ele escolhe lembrar dessa conquista é o brilho nos olhos de sua mãe depois de tantas lágrimas em seus próprios olhos. Seu testemunho, cheio de esperança ao final, parece, assim como de Carlos José, uma forma de encorajar a audiência de irmãos e irmãs enfrentando dificuldades parecidas. Reconhecendo-se apto para o que chama de “corrida do Sucesso”, Jorge, ao dizer que aprendeu a construir seus sonhos à base da martelada, parece saber, no entanto, que ele ainda tem muito a destruir – botar abaixo um mundo injusto em que jovens negros pobres choram em cima de telhados.

Considerações finais

O que esses textos revelam sobre uma experiência no mundo da universidade que ainda precisa ser compreendida para além de dados e estatísticas que apontam que bolsistas e cotistas têm um desempenho igual ou superior a não bolsistas e cotistas ou que hoje mais de 40% do corpo discente das universidades é constituído por estudantes negros? O que esses textos, subvertendo as próprias recomendações dadas em aula e renunciando a uma performance de resistência ou narrativa de superação, dizem sobre os limites da maneira como ensinamos práticas de escrita, desvelando outros modos de construir uma voz autoral? De que modo esses textos carregam uma prosa incendiária, que ecoam vozes antigas e dão forma a uma rebelião que, durante a graduação, precisa ser muitas vezes contida, silenciada, abafada, dissimulada? Para mim, todos esses textos denunciaram meu fracasso anunciado ao supor que eles escreveriam pensando em leitores hipotéticos brancos e, ao mesmo tempo, mostram o quanto eles não clamam por reconhecimento ao se permitirem exercer o direito de recusar, pelo menos nesse exercício, a seguir as regras de um jogo que historicamente serviu para excluí-los. E, nesse sentido, nunca fracassar como professora foi tão bom.

CRIAÇÃO E CRÍTICA

40

Quando muito se fala sobre os ganhos e avanços que as universidades podem obter do ponto de vista da produção de conhecimento com a entrada de estudantes advindos de contextos periféricos, me pergunto: a universidade quer também a raiva, a vingança, o ressentimento, o ódio, a dor, a revolta que esses alunos e alunas trazem dentro de si ao acessarem um mundo que tantos outros não acessaram, sem demonstrar qualquer gratidão ou reverência às instituições que se regozijam e se aplaudem por “abraçarem” a diversidade, numa sociedade em que “recebe o mérito quem pratica o mal”? Nesse sentido, assim como as narrativas de escravizados revelavam a brutalidade do sistema escravista, seus textos revelam as brutalidades que ainda existem e perduram como efeito de um passado não superado e que não é redimido pela sua entrada da universidade. Porém, com suas narrativas, eles foram capazes, como reflete Veena Das (2020) ao abordar histórias de mulheres indianas à luz dos efeitos da Partição na Índia, de “dar voz” aos prejuízos e danos causados pela violência racial, reabilitando o mundo não num gesto de luto, mas num gesto de *luta* em que podem ser vingativos e amorosos, vulneráveis e orgulhosos, agressivos e delicados e, principalmente, contar a sua verdade.

Não à toa, como um rap dos Racionais MCs, suas narrativas parecem mostrar que, sim, seus cadernos são fuzis e suas palavras *valem um tiro que tem muita munição*, apontadas não para pessoas, mas para todo um sistema que não lhes permite viver com dignidade e na qual um diploma não significa redenção ou superação. Sem ilusões e romantizações, suas pequenas autobiografias descortinam que eles também são testemunhas e sobreviventes do inferno e, juntos, criam um *evangelho da primeira geração* que tenta, a todo custo, se manter na universidade onde sua presença, ainda que cada vez maior, não significa que seja desejada. E todos parecem, no fundo, carregar uma verdade em comum: uma profunda e radical crença em si mesmos, que foram estudados pelos pais e poderão estudar as gerações futuras, dando continuidade ao *estudo negro*, uma forma de amor e rebelião (Moten; Harney, 2024, p. 81). Ecoando os versos sarcásticos de Mano Brown, quando diz “Atrasado, eu tô um pouco sim, tô, eu acho / Só que tem que seu jogo é sujo e eu não me encaixo” e apoiando-me nas palavras de Carlos José, todos eles talvez sejam, todos nós talvez sejamos inimigos número 1 da universidade, onde não há reparação possível, mas na sala de aula podemos todos se sentar no porão do navio e ouvir as

criação e crítica

40

histórias que revelam que um diploma é pouco perto de tudo que já foi perdido. Queremos mais. E vamos ficar bem juntos.⁷

Referências

BLASSINGAME, John W. Black autobiographies as history and literature. *The Black Scholar*, v. 5, n. 4, p. 2-9, 1974.

GENOVESE, Eugene Dominick. *A terra prometida: o mundo que os escravos criaram*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

GONZALEZ, Lélia. O movimento negro na última década. In: HASENBALG, Carlos; GONZALEZ, Lélia. *Lugar de negro*. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

GUIMARÃES, Geni. *Leite do peito*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2001.

HARTMAN, Saidiya. On working with archives: an interview with Saidiya Hartman. *The Creative Independent*, Brooklyn, abr. 2018. Entrevista concedida a Thora Siemsen. Disponível em: <https://thecreativeindependent.com/people/saidiya-hartman-on-working-with-archives/>. Acesso em: set. 2024.

HAYES, Diana L. James Cone's hermeneutic of language and Black theology. *Theological Studies*, n. 61, p. 609-631, 2000.

HOOKS, Bell. Essencialismo e experiência. In: _____. *Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

MOTEN, Fred; HARNEY, Stefano. O antagonismo geral: uma entrevista com Stevphen Shukaitis. In: _____. *Sobcomuns: Planejamento fugitivo e estudo negro*. Tradução de Mariana Ruggieri. São Paulo: Ubu Editora, 2024.

⁷ Esta frase tenta traduzir o espírito do meu último encontro com alunos e alunas do projeto, quando, aconselhando uns aos outros, compartilhando lições e estratégias de luta, sentimos que estar juntos é o caminho para que todos nós fiquemos bem.

criação e crítica

40

OLIVEIRA, Acauam Silvério de. O evangelho marginal dos Racionais MCs. In: RACIONAIS MCs. *Sobrevivendo no inferno*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

OLIVEIRA, Acauam Silvério de. O fim da canção? Racionais MCs como efeito colateral do sistema cancional brasileiro. 2015. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

OLIVEIRA, Rafael Domingos. *Vozes Afro-Atlânticas: autobiografias e memórias da escravidão e da liberdade*. São Paulo: Editora Elefante, 2022.

PACHECO, Ronilso. *Teologia negra: o sopro antirracista do espírito*. Rio de Janeiro: Zahar, 2024.

PERRY, Imani. *Prophets of the Hood: Politics and Poetics in Hip Hop*. Durham: Duke University Press, 2004.

SANTOS, Antonio Bispo. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu, 2023

Submetido em: 06/11/2024

Aceito em: 30/09/2024